



SISTEMA DE TREINO INTENSIVO

1^a PARTE
DAR ENTREVISTAS
EM SESSÃO

D - Fundamentos da Audição 1



CURSO DE DAR ENTREVISTAS EM SESSÃO

Este curso fornece os dados essenciais teóricos e práticos sobre a audição e tem como produto um auditor que seja capaz, no mínimo, de dar sessões constituídas por entrevistas ou perguntas do C/S.

É constituído pelas seguintes partes:

<i>A-Curso de Orientação 1</i>	<i>Volume A</i>
<i>B - Curso de Trs 1</i>	<i>Volume B</i>
<i>C - Curso de E-Metro 1</i>	<i>Volume C</i>
<i>D - Fundamentos da Audição 1</i>	<i>Volume D</i>
<i>E - A escrita do Auditor</i>	<i>Volume E</i>
<i>F – A Folha De Avaliação Inicial</i>	<i>Volume F</i>

REQUISITOS: Nenhum (Método Um de Clarificação de Palavras é recomendado.)

CERTIFICADO: AUTORIZAÇÃO PARA DAR ENTREVISTAS EM SESSÃO.

Índice

<i>D - Bases de Audição 1 - Checksheet</i>	3
O CÓDIGO DO AUDITOR	4
AS DUAS PARTES DA AUDIÇÃO	6
CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO	8
CICLOS DE COMUNICAÇÃO DENTRO DO CICLO DE AUDIÇÃO	9
O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO	12



SISTEMA DE TREINO INTENSIVO

**1ª PARTE
ENTREVISTAS EM SESSÃO**

(Pré-requisito: Parte C)

NOME: _____ DATA INÍCIO: _____

D - Fundamentos da Audição 1 - Checksheet

<u>Lista de Acções:</u>	<u>Estudante</u>	<u>Supervisor</u>
4.1 - <u>PL 14/10/68RA</u> - O Código do Auditor	_____	_____
4.1a - <u>Demo</u> : Cada ponto do Código do Auditor	_____	_____
4.2 - <u>B 23/5/71R II</u> - As duas partes da Audição	_____	_____
4.3 - <u>B 30/4/71</u> - O Ciclo de Comunicação em Audição	_____	_____
4.4 - <u>Conferência</u> de 25/7/63 <u>Os Ciclos de Com. em Audição</u>	_____	_____
4.5 - <u>B 14/7/63</u> - Gráficos das Conferências (para usar com a gravação atrás)	_____	_____
4.6 - <u>Conferência</u> de 6/8/63 <u>Os Ciclos de Comunicação em Audição</u>	_____	_____
4.7 - B <u>23/5/71R4</u> - Os Ciclos de Comunicação dentro do Ciclo de Audição	_____	_____
4.8 - B <u>23/5/71R5</u> - O Ciclo de Com. em Audição	_____	_____
4.8a - <u>Demo</u> : Cada parte do Ciclo de Comunicação de Audição	_____	_____

Declaro compreender e saber aplicar tudo o que aprendi ao longo deste programa, esclareci todas as incompreensões e treinei as ações até à perfeição.

O Estudante

Declaro que este estudante está apto a aplicar as ações treinadas neste nível e tem autorização para o fazer .

O Supervisor

Data



HCO PL 14 - 10 - 1968RA

REVISTO 19 JUNHO 1980

O CÓDIGO DO AUDITOR

A promessa dos praticantes de aconselhamento pastoral.

Tem que ser assinada por aqueles que têm certificados ou antes da sua emissão para que os mesmos sejam válidos.

Eu, por este meio, prometo como auditor seguir o Código do Auditor.

1. Prometo não avaliar pelo preclaro ou dizer-lhe o que ele há de pensar acerca do seu caso em sessão.
2. Prometo não invalidar o caso ou os ganhos do preclaro dentro ou fora de sessão.
3. Prometo ministrar ao preclaro apenas Tecnologia Standard de maneira standard.
4. Prometo cumprir todos os encontros marcados para audição.
5. Prometo não auditar um preclaro que não tenha descansado o suficiente e que esteja fisicamente cansado.
6. Prometo não processar um preclaro que não tenha comido bem ou que tenha fome.
7. Prometo não permitir uma mudança frequente de auditores.
8. Prometo não me condoer do preclaro, mas ser eficaz.
9. Prometo não deixar o preclaro acabar a sessão segundo o seu próprio determinismo, mas acabar os ciclos que eu comecei.
10. Prometo nunca abandonar um preclaro em sessão.
11. Prometo nunca ficar zangado com o preclaro em sessão.
12. Prometo percorrer todas as acções maiores de caso até uma agulha flutuante.
13. Prometo nunca percorrer nenhuma acção para lá da sua agulha flutuante.
14. Prometo conceder beingness ao preclaro em sessão.
15. Prometo não misturar os processos de Cientologia com outras práticas, excepto quando o preclaro estiver fisicamente doente e só meios médicos sirvam.
16. Prometo manter a Comunicação com o preclaro e não cortar a sua comunicação e não permitir que ele faça overrun em sessão.
17. Prometo não introduzir comentários, expressões ou turbulência numa sessão que distraiam o preclaro do seu caso.
18. Prometo continuar quando necessário a dar ao preclaro o processo ou o comando de audição em sessão.
19. Prometo não deixar o preclaro percorrer um comando mal compreendido.
20. Prometo não explicar, justificar ou pedir desculpas em sessão por quaisquer erros de Auditor quer sejam reais ou imaginados.
21. Prometo julgar o estado actual de caso de um preclaro apenas segundo os dados da Supervisão de Caso Padrão e não divergir por causa de alguma imaginada diferença no caso.
22. Prometo nunca usar os segredos do preclaro divulgados em sessão para punição ou proveito pessoal.



- 23.Prometo nunca falsificar as folhas de trabalho das sessões.
- 24.Prometo assegurar-me de que quaisquer honorários recebidos para processamento sejam reembolsados segundo as políticas do Quadro de Verificação de Pedidos, se o preclaro não estiver satisfeito e o exigir dentro dos três meses após o processamento, sendo a única condição que ele não pode ser processado ou treinado outra vez.
- 25.Prometo não defender a Dianética ou Cientologia como curando só as doenças ou tratando apenas os insanos, sabendo bem que elas foram destinadas ao ganho espiritual.
- 26.Prometo cooperar completamente com as organizações autorizadas de Dianética e Cientologia tal como desenvolvidas por L. Ron Hubbard na salvaguarda da ética no uso e na prática desses assuntos segundo os fundamentos da Técnica Padrão.
- 27.Prometo recusar-me a permitir que qualquer ser seja fisicamente ferido, violentamente maltratado, operado ou morto em nome do "tratamento mental".
- 28.Prometo não permitir liberdades sexuais ou violação dos doentes mentais.
- 29.Prometo recusar-me a admitir nos quadros de praticantes qualquer ser que seja insano.

Auditor

Data

Testemunha

Local



B 23 Maio 71R II

AS DUAS PARTES DA AUDIÇÃO

Tirado de uma gravação de LRH de 2/7/64: "O/W Modernizado e Revisto"

Para poderem fazer algo por alguém têm de ter uma linha de comunicação com ele.

As linhas de comunicação dependem da realidade, da comunicação e da afinidade. Quando um indivíduo é demasiadamente exigente, a afinidade tende a diminuir ligeiramente.

O processamento comprehende duas etapas:

1. Entrar em comunicação com o que estão a tentar processar;
2. Fazer alguma coisa por ele.

Há muitos pcs que andam por aí entusiasmados com o auditor o qual não fez nada por eles. Tudo o que aconteceu foi ter sido estabelecida uma grande linha de comunicação com o pc e isso é tão novo e tão estranho, que ele considera ter ocorrido um milagre.

Ocorreu um milagre, mas neste exemplo em particular, o auditor negligenciou totalmente a razão de, em primeiro lugar, ter estabelecido aquela linha de comunicação. Primeiro que tudo, ele estabeleceu-a para fazer algo pelo pc.

Muitas vezes o auditor confunde o facto de ter estabelecido uma linha de comunicação e a reacção do pc a este facto, com ter feito algo pelo pc.

Existem duas fases.

1. Estabelecer uma linha de comunicação.
2. Fazer algo pelo pc.

Estas são as duas fases distintas. É assim como (1) Andar até ao autocarro e (2) Ir fazer uma viagem. Se não fizerem a viagem nunca irão a lugar nenhum.

É muito delicado e não deixa de ser importante ser capaz de comunicar com um ser humano nunca antes tocado pela comunicação. É bem notável e é um feito tão notável que para alguns parece ser o fim de toda a Cientologia.

No entanto, vemos que isso é apenas andar até ao autocarro. Agora, temos de ir a qualquer lugar.

Qualquer perturbação que o indivíduo tenha, está tão instável, tão delicadamente equilibrada, que é difícil de se manter de pé. Não é difícil ficar-se bem. É muito duro permanecer maluco. A pessoa tem de trabalhar para isso.

Se a vossa linha de comunicação for muito boa e muito suave, se a vossa disciplina de audição for perfeita de modo a não perturbar esta linha de comunicação e se tivessem acabado de fazer uma intromissão com uma importância não maior do que dizerem algo como: "o que é que estás a fazer que é sensato e por que é que é sensato?", e se mantiverem sempre alta a linha de comunicação e uma grande afinidade com o pc e se fizerem isso com perfeita disciplina, veriam mais aberração a despedaçar-se por centímetro quadrado do que jamais imaginaram que fosse possível existir.

Bem, é isso o que quero dizer quando digo fazer algo pelo pc.

É preciso auditar bem, ter uma disciplina perfeita e aplicar o ciclo de comunicação. Não quebrem o ARC do pc e acabem os vossos ciclos de acção.

Tudo isto é simplesmente uma entrada. A disciplina da Cientologia torna possível fazer isto e uma das razões pela qual outros campos da mente nunca avançaram, não conseguindo nunca uma aproximação, foi devido a não poderem comunicar com ninguém.

Assim sendo, esta disciplina é importante.

É a escada que sobe até à porta e se não se chegar à porta, não se pode fazer nada.

A disciplina perfeita de que falamos, o ciclo de comunicação perfeito, a presença perfeita do auditor, a leitura perfeita do metro, todas essas coisas são apenas para vos levarem a um estado de poderem fazer algo por alguém.

Então, quando vocês são realmente vagarosos a adquirirem a disciplina, realmente vagarosos a aprenderem a manter o ciclo de comunicação, quando são fracos no assunto, estão ainda a 10kms da festa. Nem estão ainda a assistir a ela.

O que desejam serem capazes de fazer é auditar perfeitamente. Quer dizer, manter um ciclo de comunicação, ser capaz de chegar perto do pc, ser



capaz de falar ao pc e manter o ARC. Fazer o pc responder às nossas perguntas. Ser capaz de ler o metro e obter leituras.

Todas estas coisas têm de ser muito bem feitas, pois, de qualquer forma é muito difícil conseguir uma linha de comunicação com alguém. Todas têm de estar presentes e todas têm de ser perfeitas. Se estiverem todas presentes e forem todas perfeitas, então podemos começar a auditar. Só então podemos começar a dar processamento a alguém.

Estou a dar-vos aqui um ponto de entrada. Se todos os ciclos estão perfeitos, se foi possível sentarem-se ali e confrontar o pc, colocá-lo no metro, manter o relatório de auditor e fazer todas essas múltiplas e variadas coisas, e ainda conservar um sorriso agradável e não cortar a comunicação do pc, bem, agora há algo a fazer com tudo isto. Agora é necessário um processo.

Costumávamos ter tudo isto ao contrário. Costumávamos tentar ensinar às pessoas o que podiam fazer por alguém. Porém, não podiam nunca entrar em comunicação com esse alguém para esse fim e, portanto, aconteceram insucessos na audição.

O procedimento mais elementar seria: "O que acha ser sensato?", ou qualquer coisa parecida. O pc diz "Bem, acho que os cavalos dormem em camas. Isso é sensato." O auditor diz, "Está bem. Então, por que é que isso é sensato?". O pc diz "Bem. . . Ah. . . Hem?.. Isso não é sensato. É loucura!" Na verdade, não seria preciso fazer mais nada para além disto. Ele cognitou. A coisa está flat. É tão fácil de fazer, mas vocês continuam à procura de magia.

Bem, a magia reside em entrar em comunicação com essa pessoa. O resto é muito fácil, é só manter a comunicação com ela enquanto o fazemos e compreender que essas imensas aberrações que a pessoa tem se equilibram de modo fantasticamente delicado sobre cabeças de alfinetes. Tudo o que há a fazer é soprar e tudo se desmorona.

Agora, se não estiverem em comunicação com a pessoa, ela não cognita. Ela assume o que lhe disserem como uma acção acusativa. Tenta justificar-se por pensar daquele modo. Tenta dar uma boa imagem e apresentar, dum modo ou de outro, uma fachada. Tenta manter o seu status.

Sempre que vejo um bando de pcs a quererem vivamente entrar em coisas diferentes, por ser isso que acham que se percorre nas pessoas sãs (e nas pessoas malucas é que se percorrem outras coisas e eles não querem percorrer coisas

malucas), sei logo que os seus auditores não estão em comunicação com eles e que a própria disciplina da audição se desfez, pois o pc está a tentar justificar-se e a procurar afirmar o seu próprio status. Desse modo, deve estar a defender-se do auditor.

Não é possível que o auditor tenha estado em comunicação com ele.

Estamos, assim de volta ao fundamento de porque é que o auditor não entrou em comunicação com o pc.

Em primeiro lugar, entram em comunicação com o pc pondo em prática a disciplina cientológica. Não contém truques. É tão simples como 1, 2, 3, 4.

Sentam-se, começam a sessão, iniciam o manejo do pc e dos seus problemas e esse género de coisas. FAZEM-NO COMPLETANDO OS CICLOS DE COMUNICAÇÃO E SEM CORTAREM A COMUNICAÇÃO DELE: AS MESMÍSSIMAS COISAS QUE VOS ENSINAM NOS TR'S e verificam assim que estão em comunicação com a pessoa. Agora terão que fazer algo por ela.

Uma vez em comunicação, se não fizerem nada pela pessoa, perderão a linha de comunicação, pois o Factor R da razão de se estar em comunicação com o pc quebra-se. Ele já não pensa que vocês sejam assim tão bons e deixam de estar em comunicação com ele. Acontecendo isto, a pessoa entrará numa espécie de defesa do seu status e começará com conjecturas acerca da razão porque está a ser auditada.

Por outro lado, se tivermos feito algo pelo pc, tendo ele tido a sua cognição e se tentarmos prosseguir para obter mais movimento de TA do assunto de "todos os cavalos dormirem em camas", não iremos lá, pois o processo já está flat.

Podem ultra-auditar e podem sub-auditar.

Se não repararem que foi dada uma resposta que indicava terem feito algo pelo pc e o mantiverem a batalhar na mesma coisa, o movimento do TA desaparecerá, o pc ficará ressentido e a linha de comunicação perder-se-á.

Vejamos, ele já teve a sua cognição. Agora estão só a restimulá-lo. Já obtiveram o vosso factor de desestimulação de key-out. Aconteceu bem diante dos vossos olhos. Fizeram algo pelo pc. Mais uma só menção do assunto e estão perdidos.

Há uma porção de coisas que podiam fazer com o pc, sem fazerem nada por ele. Podem ligar belíssimos somáticos num pc uma vez por outra, sem nunca os desligarem. Mas o que nós temos é que fazer algo pelo pc e não ao pc.



Por outro lado, podem estar a fazer (A) e o pc a fazer (B), continuam a fazer (A) e o pc a fazer (B), e então, nalgum ponto do percurso, acabam numa confusão infernal e sem saberem o que aconteceu.

Ora, o pc nunca fez o que lhe disseram, portanto não fizeram nada por ele. Não houve, de facto, nenhuma barreira à vossa disposição de fazer algo pelo pc, mas deve ter havido uma tremenda barreira à vossa compreensão do que estava a acontecer.

A perguntarem (A), enquanto o pc respondia (B), mostrava, por si só, que a observação do auditor era muito pobre, não estando, portanto, em comunicação com o pc.

Assim, novamente, o factor comunicação estava ausente e, uma vez mais, não estávamos a fazer nada pelo pc.

Requer disciplina da parte do auditor para manter a funcionar a sua linha de comunicação. Ele precisa permanecer em comunicação com o seu pc. Esses ciclos têm de ser perfeitos. Ele não pode distrair a atenção do pc para o TA, (por exemplo: "não estou a obter agora nenhum movimento do TA"). Isto não é estar em comunicação com o pc, não tem nada a ver com isso. Estão a distrair o pc das suas próprias áreas e zonas.

Não ponham a atenção do pc fora de sessão. Mantenham-no a avançar e a linha de comunicação a funcionar. O requisito seguinte é fazer algo produtivo pelo pc, usando a linha de comunicação.

L.R.H

B 30 Abr. 71

CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO

(O seguinte ciclo de comunicação em AUDIÇÃO é tirado das palestras do SHSBC.)

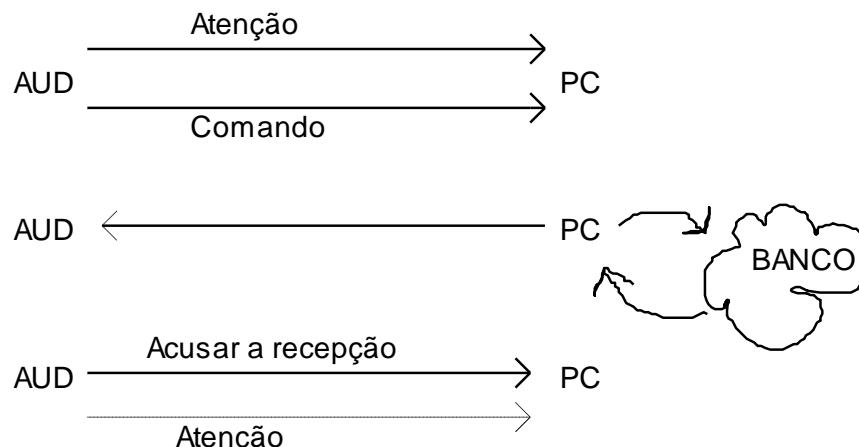
Um auditor controla a sessão. Ele dá ao pc a acção da sessão sem forçar a atenção do pc para si mesmo. Ele não deixa o pc inactivo nem distrair-se sem nada que fazer. Não deixa o pc conduzir a sessão. O auditor conduz a sessão. Ele não espera que a corda do pc se acabe como se ele fosse um relógio, nem fica ali sentado enquanto o TA sobe depois de uma F/N.

O auditor controla a sessão. Ele sabe o que fazer em cada uma das situações que venha a suceder.

Este é então o ciclo de Comunicação de Audição e que está sempre em uso:

1- O pc está preparado para receber o comando? (aparência, presença)

- 2- O auditor dá o comando/pergunta ao pc (causa, distância, efeito)
- 3- O pc procura no banco a resposta (linha fazedora de Itsa)
- 4- O pc recebe a resposta do banco.
- 5- O pc dá a resposta ao auditor (causa, distância, efeito)
- 6- O auditor acusa a recepção ao pc.
- 7- O auditor verifica se o pc recebeu o acusar de recepção (atenção)
- 8- Um novo ciclo se inicia com 1.



L.R.H.

B 23 Maio 71R IV

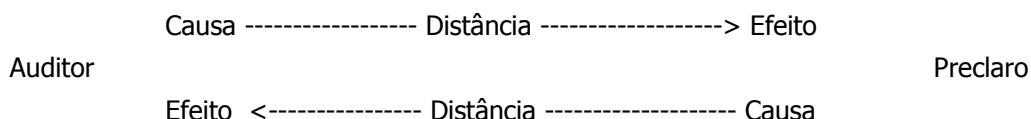
CICLOS DE COMUNICAÇÃO DENTRO DO CICLO DE AUDIÇÃO

(Tirado da gravação de LRH "Ciclos de Comunicação em Audição", 25/7/63)

A dificuldade que um auditor encontra é normalmente relacionada com o seu próprio ciclo de audição.

Existem basicamente dois ciclos de comunicação entre o auditor e o preclaro que compõem o ciclo de audição.

São “causa, distância, efeito”, com o auditor no ponto de causa e o pc no ponto de efeito; e “causa, distância, efeito”, com o pc no ponto de causa e o auditor no ponto de efeito.

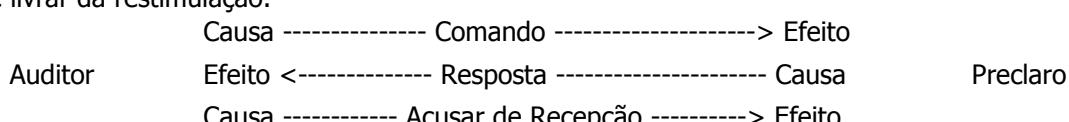


São completamente distintos um do outro. A única coisa que os associa e os torna num ciclo de audição é o facto de o auditor, no seu ciclo de comunicação, ter restimulado, calculadamente, algo no preclaro e esse algo é depois descarregado através do ciclo de comunicação do preclaro.

O que o auditor diz causa uma restimulação e então o preclaro precisa responder à pergunta para se livrar da restimulação.

Se o preclaro não responde à pergunta, não se livra da restimulação. Esse é o jogo travado num ciclo de audição e é a totalidade desse jogo. (Algumas audições fracassam quando o auditor não está disposto a restimular o preclaro.)

Há aqui um pequeno ciclo de comunicação extra. O auditor diz "Obrigado". É o ciclo de acusar de recepção.



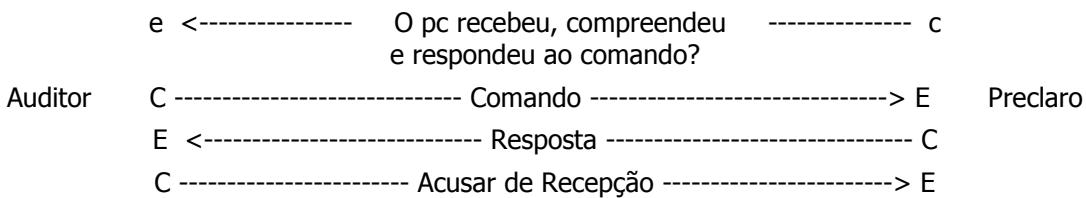
Agora há alguns pequenos ciclos internos que vos podem confundir e fazer-vos pensar que existem outras coisas dentro do ciclo de audição.

Há um outro pequeno quase ciclo: é o facto de observarem se o pc recebeu o comando de audição. Esta é uma “causa” tão minúscula que quase todos



os auditores que têm dificuldade em descobrir o que está a acontecer com o pc, deixam passar. "Será que ele recebeu o comando?" Na verdade, existe aqui um outro ponto de causa e quando não estão a percepcionar o preclaro estão a perdê-lo.

Ao olhar para o preclaro, podem julgar se ele ouviu ou compreendeu o que se disse ou se está a fazer algo estranho com o comando que acabou de receber. Qualquer que seja a mensagem em resposta, ela viaja por esta linha.



Um auditor que nunca observa o pc não repara nunca quando este não está a receber ou a compreender o comando de audição. Assim, subitamente, em qualquer ponto da linha, aparece uma quebra de ARC e aí fazem-se assessments, reparase a sessão e tudo dá errado.

Bem, na verdade, se antes de tudo esta linha tivesse sido respeitada, nada teria dado errado. O que é que o pc está a fazer, independentemente de responder? Bem, o que ele está a fazer é esta outra pequena sublinha causa, distância, efeito.

Outra destas pequenas linhas é a linha causa, distância, efeito de: "O pc está pronto para receber o comando de audição?"

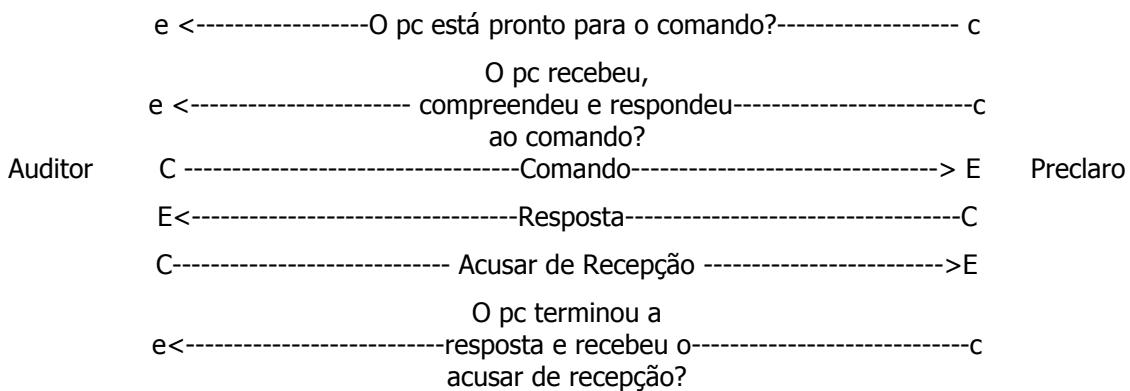
Isto é o pc a ser causa e, aquilo de que ele está a ser causa, viaja pela linha, através da distância, é recebida pelo auditor e o auditor apercebe-se de que o pc está a fazer qualquer outra coisa.

Isto é importante e verifica-se com muita frequência que os auditores erram nela: a atenção do pc ainda está na acção anterior.

Eis uma outra: "Será que o pc recebeu o acusar de recepção?" Às vezes isto é violado. Dão-lhe o acusar de recepção, mas não verificaram que ele não o recebeu. Essa percepção engloba uma outra pequenina linha que entra nesta: "Será que o pc respondeu tudo?

O auditor está a observar o pc e verifica se ele disse tudo o que ia dizer. É assim que, às vezes se entra em dificuldade com os preclaros. Tudo que estava no ponto de "causa" não atravessou a linha até o ponto efeito, não receberam todo o "efeito" e passam ao acusar de recepção antes desta linha se ter completado.

Isso é uma machadada na comunicação do pc. Não deixaram o ciclo de comunicação fluir mesmo até ao fim. O acusar de recepção ocorre e, logicamente, não pode chegar ao outro lado, visto encontrar-se sobre uma linha de influxo, na linha de escoamento da resposta incompleta do pc e fica aí encravado.



Portanto, se quiserem esmiuçar tudo, verão que um ciclo de audição é composto por seis ciclos de comunicação. Seis, não mais que seis a menos que começem a entrar em problemas. Se

violarem uma destas seis linhas de comunicação, por certo que vão aparecer dificuldades que causam uma trapalhada de qualquer espécie.



Existe um outro ciclo de comunicação dentro do ciclo de audição: tem lugar no pc. É um pequeno ciclo adicional, entre o pc e ele próprio. Consiste nele a falar consigo próprio. Vocês estão a escutar o interior do seu cérebro quando o estão a observar. Na verdade, pode ser múltiplo, visto que depende das complicações da mente.

Acontece que esta é a menos importante de todas as acções, excepto quando não está a ser feita. E, é claro, é a mais difícil de ser detectada quando não está a ser feita. O pc diz: "Sim." Ora, a que é que o pc disse sim? Por vezes, vocês não são suficientemente curiosos. Isto, na sua essência, é a vossa percepção interna desta linha. Ela inclui o ricochete da causa, distância, efeito: "Será que o pc está a responder ao comando que eu lhe dei?"

Portanto, com este, existem sete ciclos de comunicação englobados num ciclo de audição. É um ciclo múltiplo.

Um ciclo de comunicação consiste apenas em causa, distância, efeito com intenção, atenção, duplicação e compreensão. Quantos, como este, existem num ciclo de audição? Tem de se responder a isto indicando quantos ciclos principais existem porque alguns ciclos de audição contêm, em si, mais alguns. Se um pc indica não ter percebido o comando (causa, distância, efeito), o auditor repete-o (causa, distância, efeito) e isto acrescentaria mais 2 ciclos de comunicação ao ciclo de audição e ficam assim 9, porque houve uma falha. Portanto, qualquer coisa fora do normal acontecendo numa sessão, aumenta o número de ciclos de comunicação no ciclo de audição mas, mesmo assim, fazem todos parte do ciclo de audição.

O comando repetitivo, como ciclo de audição, é a repetição do mesmo ciclo uma e outra vez.

Existe, porém, um ciclo completamente diferente dentro do mesmo esquema. O pc vai originar algo que não tem nada a ver com o ciclo de audição. A única coisa em comum é que ambos usam ciclos de comunicação. Mas este é novinho em folha. O pc diz qualquer coisa que não está relacionado com o que o auditor está a dizer ou a fazer e tem de se estar alerta para esta ocorrência em qualquer altura. A forma de estarem preparados para isto é apenas compreenderem que pode acontecer em qualquer altura e iniciarem, simplesmente, a acção que o maneja. Não o misturem com a acção do ciclo de audição. Considerem-na como uma acção independente. Passem para esta acção quando o pc fizer qualquer coisa inesperada.

E, a propósito, isto maneja originações como a que o pc faz quando atira com as latas. Isto também é uma originação. Não tem nada a ver com o ciclo de audição. Talvez o ciclo de audição se tenha desfeito e este ciclo de originação entrou em cena. Ora o ciclo de audição não pode ser completado porque este ciclo de originação está agora presente. Isto não significa que esta originação tenha precedência ou predomínio, mas pode começar e ocorrer e ter de ser terminada antes de se poder retomar o ciclo de audição.

Portanto, isto é um ciclo "interruptivo" e é causa, distância, efeito. O pc causa algo. Agora o auditor tem de originar, pois ele tem de compreender do que é que o pc está a falar e, depois, acusa a recepção. E na medida em que for difícil de compreender, o auditor tenta esclarecer o assunto usando causa, distância, efeito. E todas as vezes que fizer uma pergunta, obtém um novo ciclo de comunicação.

Não podem utilizar aqui uma acção mecânica pois o assunto tem de ser compreendido. Isto tem de ser feito de tal forma que o pc não esteja meramente a repetir a mesma originação senão ficará furioso pois não consegue sair dessa linha. Está parado no tempo o que o perturba verdadeiramente. Portanto o auditor tem de ser capaz de compreender de que raio é que o pc está a falar. E não há realmente nada que substitua tentar simplesmente compreendê-lo.

Surge uma pequena linha quando o pc indica que quer dizer alguma coisa. Esta é uma linha (causa, distância, efeito) que surge **antes** da originação aparecer. Nesta altura, não dêem o comando seguinte ou provocarão um engarrafamento. O efeito no lado do auditor é de se calar e deixar o pc agir. Pode ainda existir uma outra pequena linha (causa, distância, efeito) onde o auditor indica que está a escutar. Então há a originação, o acusar da sua recepção e a percepção do facto de o pc ter recebido o acusar de recepção.

Esse é o ciclo de originação.

Um auditor devia desenhar todos estes ciclos de comunicação numa folha de papel. Dêem uma olhadela a todas essas coisas, façam o mock-up de uma sessão e de repente vai tornar-se muito claro como essas coisas são e já não terão algumas delas emaranhadas. O que está principalmente errado com o vosso ciclo de audição é que misturaram a tal ponto alguns ciclos de comunicação, que não se apercebem da sua existência porque não os diferenciam uns dos outros. É por isso que, por vezes, cortam a comunicação do pc que está a tentar responder à pergunta.

Vocês sabem se o pc respondeu à pergunta ou não. Como é que sabem? Mesmo que seja por telepatia,



ainda assim é causa, distância, efeito. Não interessa como é que essa comunicação aconteceu. Sabem se ele respondeu ao comando através de um ciclo de comunicação. Não me interessa como é que o percepcionaram.

Se estiverem nervosos sobre o uso do instrumento básico da audição e se isso vos está a causar problemas (e se tiverem dificuldade em rapidamente o decompor e analisarem) então deveriam decompô-lo e analisá-lo numa altura em que estivessem a auditar algo agradável e simples.

Dei-vos um esquema geral para um ciclo de audição. Talvez que, ao estudarem isto de novo, possam encontrar mais alguns ciclos de comunicação extra. Mas estão todos lá e se fizerem alguém passar por todos elasmeticulamente, podem descobrir onde é que o seu ciclo de audição está encravado. Não está necessariamente encravado na sua capacidade de dizer "Obrigado". Pode muito bem estar encravado noutro lado.

L.R.H.

B 23 Maio 71R V
R- 29/11/74

O CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO

A facilidade de se lidar com um ciclo de comunicação depende da capacidade de observar o que o pc está a fazer.

À simplicidade do ciclo de comunicação tem de se adicionar a OBNOSE (observação do óbvio).

A inspecção do que estão a fazer deveria ter terminado com o treino. Daí para a frente devem preocupar-se exclusivamente com a observação do que o pc está a fazer ou a não fazer.

A vossa destreza de um ciclo de comunicação deveria ser tão intuitiva e tão boa que nunca se preocupariam com o que estão agora a fazer.

A altura de porem tudo isto em ordem é no treino. Se souberem que o vosso ciclo de comunicação é bom, já não terão mais que se preocuparem se o fazem bem ou mal. Sabem que é bom e não se preocupam mais com isso.

Na audição real, o ciclo de comunicação que observam é o do pc. O vosso trabalho é o ciclo de comunicação e as respostas do pc.

É isto que faz o auditor ser capaz de partir qualquer caso. Sem isto, temos um auditor que não seria capaz nem de partir um ovo mesmo que passasse por cima dele.

Esta é a diferença: se o auditor consegue ou não observar o ciclo de comunicação do pc e reparar os seus vários deslizes.

É tão simples.

Consiste simplesmente em fazer uma pergunta à qual o pc consegue responder, e depois

observar que o pc **responde** a ela e, quando o pc tiver respondido, observar que o pc completou a resposta. Então dá-se o acusar de recepção. Então dá-se-lhe outra coisa para fazer. Pode-se fazer a mesma pergunta ou pode-se fazer outra pergunta.

Fazer ao pc uma pergunta à qual ele consiga responder implica aclararem o comando de audição. Também implica fazer a pergunta ao pc de modo a que ele a consiga ouvir e saiba o que lhe está a ser perguntado.

Quando o pc responde à pergunta sejam suficientemente inteligentes para saberem que o pc está a responder àquela pergunta e não a outra qualquer.

Têm de desenvolver uma sensibilidade relacionada com saberem quando é que o pc acaba de responder ao que lhe foi perguntado. Conseguem dizer quando é que ele terminou. É um conhecimento. Ele aparenta ter terminado e sente que terminou. É em parte o sentido do que diz, em parte a entoação de voz mas é sobretudo um instinto que se desenvolve. Vocês sabem que ele terminou.

Então, sabendo que ele terminou de responder, dizem-lhe que ele acabou com um acusar de recepção, OK, Bom, etc. É como apontar a carga by-passed ao pc. Assim como: "Encontraste e localizaste a carga by-passed ao responder à pergunta e disseste-o." Essa é a magia do acusar de recepção.

Quando o auditor não tem esta sensibilidade sobre quando o pc termina, o pc irá responder, não leva nada do auditor que continuam ali sentado a olhar



para ele, a maquinaria social do pc entra em acção, ele entra em auto-audição e não se obtém acção de TA.

O grau de paragem que se põe no acusar de recepção depende também do bom senso, pode-se dar um acusar de recepção tão forte que a sessão termina ali mesmo.

Está muito bem que se façam estas coisas no treino e é desculpável, mas NÃO numa sessão de audição.

Façam com que o vosso ciclo de comunicação fique suficientemente afinado de forma a não terem mais preocupações com ele depois do treino.

L.R.H.